

27/11/2014 - 05:00

Omã sente a queda dos petrodólares e tenta ajustar a sua economia

Por **Assis Moreira**

O sultanato de Omã, o primo mais modesto das petromonarquias da região do Golfo Pérsico, sente o peso da queda de 30% no preço do petróleo desde junho e quer aproveitar para dar uma guinada em sua economia.

Com quatro milhões de habitantes, dos quais 43% são estrangeiros, o sultanato tem localização estratégica entre a África e a Ásia, na ponta do estreito de Ormuz, por onde passa um quinto do comércio mundial de petróleo.

O país produz cerca de 1 milhão de barris por dia e depende em 83% da receita do petróleo para fechar seu orçamento. Tem um dos mais elevados "fiscal break even" no Oriente Médio, ou seja, precisa de preço de US\$ 100 por barril para não ter déficit público ou recorrer a suas reservas.

Com a queda do preço do barril para menos de US\$ 80 atualmente, o sultanato fará algo que há muito estava fora de seus hábitos: captará US\$ 500 milhões no mercado local até o fim do ano, para cobrir o déficit. Analistas avaliam que o governo poderá recorrer ao mercado internacional em 2015, pela primeira vez desde 1997.

Além disso, o sultanato decidiu taxar em 2% a remessa de dinheiro dos estrangeiros que trabalham no país. Essa remessa atingiu US\$ 9 bilhões em 2013, equivalente a 10% do PIB do país.

Sobretudo, as autoridades em Mascate elaboram um plano 2016-2020 para reduzir a excessiva dependência em relação a um petróleo que é menos barato que o dos vizinhos para ser explorado até por causa das condições geológicas do país.

A ideia é de transformar o país num grande centro logístico internacional, em linha com uma rica história de comércio marítimo, vinda do tempo em que os portugueses ocuparam o país em 1507, ficando por 150 anos.

"Queremos voltar a ser um grande entreposto do comércio internacional, como Mascate foi no passado com os portugueses", disse ao **Valor PRO**, o serviço de informação em tempo real do **Valor**, uma das principais autoridades econômicas do sultanato, o presidente executivo da Capital Market Authority (a autoridade da regulação financeira), Adbullah Salim Abdullah Al Salmi.

Uma autoridade diplomática nota que Omã já tem zonas especiais de comércio em seus três portos nas proximidades do estreito de Ormuz, com vantagens para as empresas, além de um acordo de livre-comércio com os EUA.

A expectativa é que o plano atraia empresas europeias, asiáticas, africanas e também do Brasil, até porque o comércio cresce mais e mais na Ásia e a África é um potencial a ser mais explorado.

A Vale já opera em Omã, trazendo minério de ferro de Carajás e colocando aqui o valor agregado, com gás altamente subsidiado e portanto menor custo, exportando em seguida para a China e outros países da Ásia.

Omã vinha atraindo investidores estrangeiros com ganho de 24% na bolsa de Mascate em 2013, por exemplo. Neste ano, entre janeiro e outubro, a bolsa rendeu só 9%, ainda assim um bom ganho se comparado à inflação por volta de 2%.

Mas a queda no preço do petróleo e as tensões na Síria, Iraque etc. deixaram na defensiva o sultanato, que está longe da exuberância bilionária dos vizinhos Emirados Árabes Unidos e Qatar. Omã recebe discreta ajuda dos vizinhos mais ricos, como energia altamente subsidiada no período de verão.

No curto prazo, para não ter de recorrer a seu fundo de reserva financeira, o sultanato conta com ganhos vindos da menor tensão entre os Estados Unidos e o Irã, apesar do retardo no acordo sobre o programa nuclear de Teerã.

Omã é um país estrategicamente vital e pragmático, com o status único de relações estreitas tanto com o Irã como com os EUA. Essa situação ajuda a explicar em parte o fiasco das sanções comerciais contra Teerã. Por anos, Omã ajudou contrabandistas iranianos diariamente no trânsito no estreito de Ormuz de alimentos, confecções, eletrônicos, remédios, motocicletas, sem que Washington jamais tenha tentado bloquear esse tráfico.

Agora, a expectativa do sultanato é de atuar como intermediário entre fornecedores ocidentais e o Irã. "Após anos de sanções, o Irã precisará de muitas coisas", afirma Abdullah.